



O PRAGMATISMO NA ITÁLIA: ASPECTOS DA CIRCULAÇÃO DE IDEIAS NORTE-AMERICANAS ENTRE OS INTELLECTUAIS ITALIANOS

Rodrigo Augusto de Souza

Doutorando em Educação no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Paraná, PR – Brasil
rodrigoaugustobr@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho procura mostrar a circulação de ideias filosóficas ligadas ao pragmatismo norte-americano na Itália. O pragmatismo encontrou uma significativa recepção entre os intelectuais italianos do século XX. Alguns pensadores, como Giovanni Papini, Guido De Ruggiero e Umberto Eco demonstram a utilização de ideias do pragmatismo filosófico em suas pesquisas. O estudo do pensamento norte-americano não esteve ausente nem mesmo às reflexões de Antonio Gramsci. Por meio deste artigo, busca-se realizar uma análise das nuances da recepção do pragmatismo nas ideias de Papini, De Ruggiero e Eco. Nessa análise, também será estabelecido um diálogo com alguns aspectos do pensamento de Gramsci. O artigo consiste em um estudo sobre a circulação das ideias do pragmatismo norte-americano entre esses intelectuais.

Palavras-chave: Pragmatismo; Intelectuais Italianos; Circulação de Ideias.

THE PRAGMATISM IN ITALY: ASPECTS OF MOVEMENT OF NORTH AMERICAN IDEAS AMONG INTELLECTUALS ITALIANS

Abstract: *This paper seeks to show the flow of philosophical ideas related to American pragmatism in Italy. Pragmatism was very well received among Italian intellectuals of the twentieth century. Some thinkers, such as Giovanni Papini, Guido De Ruggiero and Umberto Eco, demonstrate the use of ideas of philosophical pragmatism in their research. The study of American thinking was not absent even in the reflections of Antonio Gramsci. Through this article, we seek to undertake an analysis of the nuances of the way pragmatism was received in Papini's, De Ruggiero's and Eco's ideas. In this analysis, we will also establish a dialogue with some aspects of Gramsci's thought. This article consists in a study on the flow of ideas on American pragmatism among these intellectuals.*

Key-words: *Pragmatism; Italian Intellectuals; Movement of Ideas.*

INTRODUÇÃO

O pragmatismo encontrou uma recepção significativa entre os intelectuais italianos do século XX. De Giovanni Papini a Umberto Eco, as ideias norte-americanas ligadas ao pragmatismo circularam na Itália e encontraram uma recepção entre os intelectuais. A Revista *Il Leonardo*, editada por Papini, entre 1904 a 1907, divulgou muitas ideias do pragmatismo. O interesse de Giovanni Papini pelo

pragmatismo recebeu a atenção de William James. Dedicando ao pensamento do filósofo italiano um artigo, James evidenciou a recepção do pragmatismo na Itália. “James consagrou um artigo inteiro a minhas ideias: *G. Papini and the Pragmatist Movement in Italy* (in *Journal of Philosophy*, Vol. III, n. 13, 21 de Junho de 1906) e me recorda em mais oportunidades, em seu *Pragmatism*, New-York, Longmans Green, 1907), pp. 54, 79, 159, 257” (PAPINI, 2011, p. 16). Desse modo, fica claro que James reconheceu a importância de Giovanni Papini para a divulgação do pragmatismo na Itália.

Nos dias atuais, merece destaque a atuação intelectual de Umberto Eco, que se utilizou das ideias norte-americanas em seus estudos da semiótica. Eco recorre ao pensamento de Peirce e Dewey, e também, ao neopragmatismo de Rorty. Desse modo, o pragmatismo filosófico esteve presente de modo incisivo entre os intelectuais italianos durante o século XX, desde o seu início e avançando para o século XXI com a produção de Umberto Eco, entre outros estudiosos. Ressaltamos que a recepção das ideias pragmatistas na Itália não esteve restrita aos intelectuais pelos quais optamos investigar neste estudo. No entanto, escolhemos investigar esses pensadores porque encontramos neles um diálogo mais intenso com os filósofos dos Estados Unidos.

A escolha por Guido De Ruggiero (1947), embora este autor esteja vinculado ao neidealismo de Benedetto Croce, foi realizada porque o autor incluiu o pragmatismo entre as filosofias mais importantes do século XX. Em seus escritos, o intelectual ofereceu amplo destaque ao pensamento pragmatista. Vale ressaltar que não é intenção deste trabalho a classificação dos filósofos, ou seja, explicar se os intelectuais italianos foram ou não pragmatistas. O propósito da investigação é mostrar a circulação de ideias norte-americanas na Itália e sua recepção entre alguns intelectuais daquele país.

Para Umberto Eco, o pragmatismo foi útil em seus estudos de semiótica e linguagem. O renomado pensador italiano chegou a postular uma aproximação entre Croce e Dewey em questões de estética e arte. No campo da semiótica, sua reflexão também dialoga com Peirce. Um aspecto mais atual é apontar para o seu diálogo com as ideias de Rorty. Sem dúvida, o pragmatismo foi uma filosofia importante na formação do pensamento de Umberto Eco. Seus trabalhos no campo filosófico evidenciam nitidamente essa opção por dialogar com o pragmatismo.

1. O PRAGMATISMO NA ITÁLIA

Gramsci conheceu a revista *Il Leonardo* e fez menção do periódico quando tratou do tema da renovação da vida intelectual italiana em seus *Cadernos do Cárcere*. Para o filósofo, a revista deveria ser compreendida no contexto do “movimento *Voce*, de Prezzolini, que certamente tinha marcado caráter de campanha para uma renovação moral e intelectual da vida italiana (nisto, afinal, continuava com mais maturidade *Il Leonardo* e se distinguia *Lacerba*, de Papini [...])” (GRAMSCI, 2006, p. 113). De acordo com Gramsci, a revista marcou época na renovação do pensamento italiano. A fundação da revista ocorreu em 1903 e foi realizada por Giovanni Papini com a colaboração de Giuseppe Prezzolini. A publicação defendia “orientações antipositivistas de amplo espectro, como o pragmatismo americano, o intuicionismo bergsoniano e a filosofia da ação” (GRAMSCI, 2006, p. 299). No início do século XX, temos na revista editada por Papini e por Prezzolini um marco do começo da divulgação das ideias norte-

americanas ligadas ao pragmatismo na Itália. Desse modo, o periódico possui uma importância capital para a compreensão do tema.

De acordo com Papini, “o pragmatismo teve na Itália momentos de grande popularidade e foi discutido muitíssimo por todas as partes, nos diários e nos semanários, nas revistas e nos círculos filosóficos, nos cafés e nas escolas”. A descrição do filósofo nos permite perceber que o pragmatismo não esteve restrito aos ambientes acadêmicos da Itália, mas chegou a um plano mais informal e cotidiano da vida intelectual do país europeu. A revista, segundo Papini, “era o centro deste movimento de reação contra o velho racionalismo”. A rejeição do “velho racionalismo” e do positivismo eram as marcas da publicação. “Em *Il Leonardo*, entre os anos de 1904 e 1907, publicaram muitos escritos sobre a nova doutrina meus amigos Calderoni, Prezzolini e Vailati, aos quais se deveu, sobretudo, aquela fortuna” (PAPINI, 2011, p.14). As afirmações de Papini corroboram as explicações de Gramsci que defendiam a revista polo de difusão de ideias pragmatistas da Itália.

Naqueles anos todos queriam saber que coisa era o pragmatismo; todos buscavam apropriá-lo ou servir-se dele, desde os socialistas até os modernistas, desde os cientistas até os padres. Meus artigos e os de Vailati eram traduzidos em revistas estrangeiras; nos congressos de filosofia – desde aquele de Genebra de 1904 até o de Bolonha em 1912 – o Pragmatismo esteve entre as teorias mais debatidas; nos livros de filosofia este novo nome apareceu como bandeira de batalha, exaltado ou combatido. A morte de *Leonardo* (1907), a morte de James (1908), a de Vailati (1909), a conversão de Prezzolini ao idealismo crociano, a pouca fecundidade de Calderoni, foram pouco a pouco moderando a força e a expansão das novas ideias, porém os livros permanecem e todo filósofo honesto deve ajustar contas com o Pragmatismo na teoria do conhecimento da moral [...]. Não é preciso crer então que os pragmatistas italianos não fizeram outra coisa mais que voltar a expor e propagar as ideias que vinham da América e da Inglaterra (PAPINI, 2011, p. 15).

Os leitores do pragmatismo na Itália, para Papini, situavam-se entre os socialistas, modernistas, cientistas e os católicos. A difusão do pensamento pragmatista foi ampla e até mesmo vulgarizada, uma vez que jornais diários e semanais também se dedicavam ao tema. Isso nos permite identificar a complexidade representada pela recepção das ideias pragmatistas entre os intelectuais italianos. Além dos jornais e periódicos, os congressos de filosofia desempenharam uma missão importante na propagação da filosofia norte-americana. Entre os estudiosos acadêmicos figuraram os nomes de Giovanni Vailati (1863-1909), Mario Calderoni (1879-1914), sob a liderança e Giovanni Papini (1881-1956) e Giuseppe Prezzolini (1882-1982). Esses foram os intelectuais apontados por Papini como grandes divulgadores do pragmatismo na Itália (PAPINI, 2011).

O final da primeira década do século XX assistiu a uma diminuição do interesse pelo pragmatismo na Itália, ocasionado pelo fim da revista *Leonardo*, pela pouca produção de Calderoni, pela morte de Vailati e também de James e pela “conversão” de Prezzolini ao idealismo de Croce. Afirmou Papini que o pragmatismo era uma “bandeira” no cenário filosófico italiano e, por isso mesmo, foi “exaltado” e “combatido”. A disseminação da filosofia norte-americana esteve envolta em calorosos debates e disputas intelectuais. Com base nessas afirmações, podemos

identificar um grupo de filósofos pragmatistas italianos com uma expressiva produção acadêmica.

Segundo Papini (2011, p. 16), os pragmatistas italianos dividiram-se em dois grupos: *pragmatismo lógico*, ao qual pertenceram Vailati e Calderoni e o *pragmatismo psicológico* ou *mágico*, cujos representantes foram o próprio Papini e Prezzolini. Por sua vez, De Ruggiero, apoiado no idealismo de Croce, pode ser considerado um crítico do pragmatismo. A mesma observação também se aplica ao caso de Gramsci. Apoiado no marxismo, o filósofo será um crítico das ideias pragmatistas, principalmente quanto ao seu aspecto político. Avançando um pouco mais no tempo, Eco demonstrou ser estudioso do pragmatismo e utilizar algumas das ideias de Gramsci em seus trabalhos filosóficos.

2. GIOVANNI PAPINI, PRAGMATISMO E ANTIRRACIONALISMO

O pragmatismo de Giovanni Papini foi considerado pelo próprio filósofo como “psicológico” ou “mágico”. Diferenciou-se, assim, da vertente “lógica”. Papini converteu-se ao catolicismo e recebeu a classificação de filósofo católico. Sua leitura do pragmatismo levou em conta o aspecto religioso e místico. Dessa forma, valeu-se dos estudos de William James sobre a religião e a filosofia pragmatista. Entre os filósofos do pragmatismo, James foi o mais lido e o mais interpretado entre os intelectuais italianos do início do século XX. Há referência a Charles Peirce também, mas com menor incidência. Isso demonstrou o papel desempenhado por James na divulgação e popularização do pragmatismo (PAPINI, 2011, p. 16).

Na obra *Pragmatismo*, coletânea de artigos de Papini, publicados na revista *Il Leonardo* e também em outros periódicos durante o período de 1903 a 1911, encontramos o seu entendimento da filosofia norte-americana. O pensador italiano ofereceu amplo destaque aos temas da religião e da mística ligados ao pragmatismo. No artigo *Morte e Ressurreição da Filosofia*, de 1903, Papini defendeu que “a filosofia não é mais que uma *reação sentimental, vital, que assume exteriormente manifestações racionais* (exemplo clássico: justificações teóricas dos instintos). Em todo filósofo há sempre uma *prefilosofia* feita de elementos vitais e concretos” (PAPINI, 2011, p. 21). Compreendeu que a filosofia também deveria levar em conta “a interioridade crescente (misticismo, vida íntima, a desconfiança pela expressão, movimento antirracionalista)” (idem, p. 25). O vínculo com o pragmatismo fica evidente, uma vez que Peirce foi um dos maiores críticos do racionalismo e do cartesianismo. Para Peirce, o pragmatismo é um *método anticartesiano*. Papini situa-se, portanto, em um *movimento antirracionalista*, como já fora alertado por Gramsci. Defendeu a utilização da “lógica do sentimento e a lógica da imaginação (Bergson)” (ibidem, p. 23). Ao tratar da morte da filosofia, o filósofo apontou para o dado de que “a fecundidade filosófica é uma lenda: os temas filosóficos se reduzem a três ou quatro, porém hoje todas as fórmulas estão esgotadas” (ibidem, p.25). A filosofia apresentava-se, segundo sua compreensão, diante de um cenário de crise, ou para ser mais exato: *esterilidade*. Por isso, a filosofia precisaria morrer para ressuscitar sobre novos pressupostos.

A intenção de Papini era promover uma “tentativa de resgatar” a filosofia, ou melhor, promover a sua “ressurreição”. Podemos comparar esse projeto com a iniciativa de reconstrução da filosofia proposta por Dewey. Do ponto de vista de uma conjectura racional é possível estabelecer um paralelo entre a “ressurreição da filosofia” de Papini com o projeto de Dewey para a “reconstrução” filosófica. Essa

seria a iniciativa do pragmatismo ao operar uma mudança no pensamento filosófico contemporâneo. O resgate da filosofia, para Papini, dar-se-ia com base em três dimensões: *dados sentimentais*, *dados racionais* e *dados expressivos*. De acordo com sua compreensão, os dados sentimentais afirmam que “a filosofia deveria de todas as formas corresponder a sentimentos, mesmo que gerais, os quais poderiam ser, como alguém pensava ou intentava, aqueles mais comuns entre os homens” (PAPINI, 2011, p.26). Isso nos remete à ideia pragmatista de filosofia da vida. Temos uma conexão entre a filosofia e os sentimentos comuns entre os homens. Continua Papini: “Mas ainda neste caso não se obteria uma racionalidade universal, posto que os sentimentos seguiriam modificando a atividade lógica” (idem). O próximo passo seria os dados racionais, que buscam “transformar a mente” (ibidem), o modo de pensar. Há a rejeição dos sistemas filosóficos dualistas. Entendeu Papini que “os sistemas dualistas são monistas desde o momento em que a explicação do mundo não vem dada por eles de forma separada, mas que consiste em sua *relação*, no ato que intercede entre eles” (ibidem). Isso seria reduzir “a um conceito único” e “voltar ao universal, ao incompreensível” (ibidem, p.27). A filosofia buscaria a universalidade ou o uno. Seria a superação dos dualismos e a recuperação da unidade do conhecimento. Temos aqui uma herança hegeliana do pragmatismo. O conhecimento válido é aquele que busca o universal. Quanto aos dados expressivos, Papini tratou dos problemas inerentes à linguagem. Seria necessário “modificar a linguagem”, a fim de evitar suas “trações” e, desse modo, ela seria o “signo” e a “expressão”. A filosofia continuaria vivendo na forma de “três supervivências (documento, jogo, escudo) e outro modo seria a transformação radical dos espíritos e dos fins (reembasamento da filosofia)” (ibidem). Esses seriam novos pressupostos da filosofia.

Papini considerava que os sistemas filosóficos são partes do universo, objetos sobre os quais é possível especular e, ao mesmo tempo, são revelações e expressões dos homens. O caráter místico da filosofia se acentua quando o filósofo a define como um *documento cósmico*, uma espécie de síntese do universo, uma representante da “quintessência”. Na filosofia aparecem mais claras as aspirações e as formas do interior do homem. A dimensão do *documento psicológico* contempla o fato de que filosofia é a expressão de uma vida, de um temperamento, de um conjunto de instintos, de sentimentos e de desejos. Sustentou que “podemos reduzir os símbolos lógicos em símbolos vitais” (ibidem, p.28). Assim, seria possível reconstruir personalidades, completar vidas não conhecidas por outros caminhos, intentar evocação de indivíduos e interpretações de tempos. Papini tratou do assunto em sua obra “*Crepúsculo dos Filósofos*”. Os filósofos construíram *jogos filosóficos*, sofismas e fantasias metafísicas. Precisamos saber interpretar esse jogo especulativo e fazer da filosofia o *escudo* teórico de nossas ações.

No artigo *Introdução ao Pragmatismo*, publicado em *Il Leonardo* no ano de 1906, Papini procurou definir o pragmatismo. Mostrou as dificuldades de tal intento. A busca pela definição do pragmatismo pode resultar algo “genérico” e “incompleto”. Considerou que “o pragmatismo não é mais do que uma coleção de métodos para aumentar a potência do homem” (ibidem, p.71) e que sua “doutrina tem por fundamento a preocupação com o futuro (consequências e previsões)” (ibidem, p.72). As “utopias dos reformadores”, para Papini, participam de alguma forma do pragmatismo. “O pragmatismo é a teoria que dá importância à prática e que substitui, para a eleição das doutrinas, o critério de verdade pelo de utilidade” (ibidem). De acordo com essa concepção, “a utilidade das teorias coincide com a sua

verdade” (ibidem). Essa teoria “se ocupará muitíssimo dos métodos, dos instrumentos do conhecimento e da ação, por que está convencido de que é mais importante melhorar ou criar os métodos para obter previsões exatas ou para mudar a nós mesmos ou aos outros, do que jogar com palavras vazias em torno de problemas incompreensíveis” (ibidem, p.74). O pragmatismo está unido à *prática*, à *ação* e à *vida*.

O Pragmatismo difere das demais filosofias, sobretudo, porque ele simplesmente não é [...] uma filosofia, se por filosofia se entende uma metafísica, um sistema de mundo, uma *Weltanschauung* e coisas semelhantes. O pragmatista não se professa mais idealista que materialista, não crê na doutrina da criação mais do que na da emanção. Para as teorias metafísicas compreensíveis (e não são muitas) só podem dar lugar a consequências morais diferentes porque as expectativas práticas e experimentais que correspondem a cada uma delas são idênticas para todas. [...] Para o pragmatista não há, então, uma hipótese metafísica que seja mais verdadeira que a outra. Quem tem necessidade de ter uma pode eleger segundo seus fins e seus gostos ideais (PAPINI, 2011, p. 75).

Em sua compreensão do pragmatismo, o filósofo italiano afirmou que essa teoria constitui um “campo de ação” e por isso tem uma dimensão maior que a filosofia, abrangendo também o mundo da vida. O pragmatismo “mais do que uma filosofia é um método para prescindir da filosofia” (ibidem, p.76). Da mesma forma, muitas “lutas” seriam inerentes a esse método “a luta contra os problemas carentes de sentido, a metafísica, o monismo, etc” (ibidem).

A diferença em relação ao positivismo consiste no aspecto de que a teoria pragmatista é antiagnóstica. O positivismo é agnóstico: “O agnosticismo, o monismo, o materialismo e o evolucionismo quase sempre estão associados ou mesclados nas mentes dos positivistas, são doutrinas metafísicas que supõem, por sua vez, premissas metafísicas implícitas” (ibidem, p.79). O pragmatismo não tem problema com as crenças, contanto que elas sejam úteis aos indivíduos e às comunidades humanas. Segundo Papini, “o positivismo é apenas *verbalmente antimetafísico*, por sua vez, o pragmatismo é *substancialmente antimetafísico*” (ibidem).

Para Papini, o pragmatismo diverge dos sistemas filosóficos ortodoxos e metafísicos. “Creio em geral que poderão ter simpatias pelo pragmatismo todos os que pensam para atuar, e dizem que preferem verdades provisórias, porém operantes à embriaguez das palavras hiper-abstratas” (ibidem, p.82). Definiu Papini que “há especialmente duas classes de mentes que, por mais diferentes que sejam, me parecem destinadas a formar o grupo da armada pragmatista. São os homens práticos e os homens utópicos” (ibidem, p.83). Como método de conciliar os opostos, o pragmatismo possui semelhança com a dialética de Hegel.

O Pragmatismo também é cético; se por cético se entende a impossibilidade de alcançar a adequação entre a mente e as coisas, se é dizer a incapacidade de obter antecipações e expectativas que se verifiquem, então o pragmatismo é diretamente um antídoto para o ceticismo. [...] Ele é, pois, uma *teoria corredor* – um corredor de um grande hotel, onde há cem portas que se abrem para cem quartos. Em uma há um genuflexório e um homem que quer reconquistar a fé; em outra um escritório e um homem que quer acabar com toda a metafísica, em uma terceira um laboratório e um homem que quer encontrar novos “pontos de compreensão” sobre o futuro... Mas o

corredor pertence a todos e todos o transitam: e se em alguma oportunidade sucedem conversas entre os distintos hóspedes, nenhum camareiro é tão vilão para impedi-las (PAPINI, 2011, p. 90).

Como ficou evidenciado, Papini ofereceu grande ênfase nos estudos sobre *Pragmatismo e Religião*. Para isso, recorreu principalmente ao pensamento de James (1967), uma vez que o filósofo norte-americano tratou de maneira incisiva da questão. Demonstrou também que a teoria pragmatista oferece muitas possibilidades para os estudos filosóficos. Há várias alternativas; temos um pluralismo que permite muitas conjecturas e o diálogo entre os pragmatistas sempre possibilita algumas aproximações, apesar das divergências e disparidades.

3. GUIDO DE RUGGIERO E A CRÍTICA DO NEOIDEALISMO

O intelectual Guido De Ruggiero (1888-1948) esteve vinculado ao neoidealismo italiano de Benedetto Croce e de Giovanni Gentile. Além de importante filósofo, De Ruggiero também atuou no campo da educação. Entre 1943 e 1944 foi reitor da Universidade de Roma e Ministro da Instrução Pública da Itália. Assinou o Manifesto dos Intelectuais Antifascistas, que foi redigido por Croce em 1925. Foi adepto do liberalismo, na perspectiva política. Seu grande interesse acadêmico foi a história da filosofia. Para De Ruggiero, a compreensão do pragmatismo estava ligada à *filosofia da ação*. Essa ideia também foi defendida por Papini, na revista *Il Leonardo*. O pragmatismo integraria um “grupo de doutrinas contemporâneas, diversas entre si” (DE RUGGIERO, 1937, p. 312). No entanto, essas doutrinas filosóficas teriam um elemento comum: “entre as várias atividades do espírito, dá o primado à vontade, à qual subordina as demais” (ibidem). A noção de vontade seria um dos fundamentos do pragmatismo, bem como da filosofia da ação. A ênfase no aspecto prático seria uma característica herdada do pensamento de Kant. “Num sentido estritamente crítico, kantiano, a ideia do primado da razão prática informa a filosofia dos valores sobre os quais já discorreremos: o conceito de valor implica, com efeito, um elemento prático, uma avaliação” (ibidem).

De Ruggiero destacou a *noção de vontade* como um elemento fundamental do pragmatismo. “De um ponto de vista metafísico, inspirado na concepção de Schopenhauer, o primado da vontade informa o sistema de Hartmann, o qual põe como princípio da realidade uma vontade inconsciente, que por milagre inexplicável, se torna consciente no homem” (DE RUGGIERO, 1937, p. 313). Considerou o pensamento de Blondel “muito mais profundamente idealista”; sua filosofia foi chamada de “voluntarismo”, que faz da “Ação a alma do devir cósmico”. Isso se explicaria “de modo não muito diverso da ideia de Hegel” (ibidem). Afirmou De Ruggiero que “a ideia de Hegel era um princípio lógico que conseguia finalmente satisfazer-se na consecução plena da consciência de si, a Ação de Blondel é uma força volitiva, que só se satisfaz numa vontade superior e divina, na qual desemboca todo o devir do mundo” (ibidem). Papini mostrou que o “kantismo, com seu primado da razão prática” e o “voluntarismo schopenhaueriano, sobre a influência da vontade que exercita a inteligência”, são fundamentos do pragmatismo (PAPINI, 2011, p. 86). O voluntarismo ou o primado da vontade procede da filosofia de Schopenhauer, mas para De Ruggiero, teria sido radicalizado nas ideias de Blondel. “A filosofia blondeliana foi inspiradora do movimento modernista no interior da Igreja católica” (ibidem, p.313), sustentou o filósofo seguidor das ideias de Croce. Há, portanto, uma proximidade entre o *pragmatismo*, a *filosofia da ação* e *modernismo católico* na

Itália. Isso nos permite compreender a trajetória intelectual de Giovanni Papini, por exemplo.

O pragmatismo, no entendimento de De Ruggiero, seria uma “expressão degenerativa da filosofia da vontade” (ibidem, p.314). A perspectiva crítica do neoidealismo fica mais evidente na caracterização do pragmatismo como uma “degeneração” da filosofia da vontade. De Ruggiero apresentou a figura de James como o principal intérprete da filosofia norte-americana. Foi designado como dono de uma “bela fama que havia ganhado como cultor da psicologia” (ibidem). A obra citada de James foi *Princípios de Psicologia*. Um paralelo foi estabelecido entre o pragmatismo e a psicologia.

O Pragmatismo leva a consequências extremas a filosofia empirista. Se a realidade é sensação e se o conceito não passa de uma abreviação arbitrária da expressão sensível, o valor do conceito será apenas uma ficção confirmada pela crença na sua praticidade. E, por outro lado, se o conceito é um produto puramente subjetivo que não inclui em si nada de objetivo, a sua validade não será determinada se não pelo sucesso, pelo seu êxito nessa realidade estranha. O critério de verdade resulta, assim, de modo extrínseco, como simples acordo dos indivíduos no reconhecimento do que convém chamar verdade: de onde um conceito social do verdadeiro e do falso. Substancialmente, não há aí nada de novo com relação à doutrina de Protágoras; vinte e cinco séculos de história e de trabalho mental parecem ter transcorrido inutilmente para esses epígonos retardatários da sofística (DE RUGGIERO, 1937, p. 314).

As críticas de Guido De Ruggiero demonstram a depreciação do pragmatismo como um “extremismo” da filosofia empirista. A *realidade* seria reduzida à *sensação* e o conceito a uma “abreviação arbitrária da expressão sensível”. No entendimento do filósofo italiano, o *conceito*, para o pragmatismo, seria “produto puramente *subjetivo*” (ibidem), algo que não tem *objetividade*. A questão da *verdade*, tão importante para a metafísica, seria “simples acordo dos indivíduos”. De Ruggiero, por fim, sustentou que os pragmatistas são “epígonos retardatários da sofística” (ibidem). Os sofistas são evocados como forma de descrédito aos estudiosos do pragmatismo. Eles seriam filósofos vulgares, descomprometidos com a profundidade da reflexão. Essas foram as críticas do neoidealismo italiano sintetizadas no pensamento de Guido De Ruggiero.

No âmbito do marxismo, com Antonio Gramsci, a crítica levou em conta muito mais o aspecto político das ideias pragmatistas. Para Gramsci, o “politicismo filosófico pragmatista” contribuiu “na melhor das hipóteses para criar o movimento do Rotary Club ou para justificar movimentos conservadores e reacionários” (GRAMSCI, 2011, p. 271). A crítica marxista ao pragmatismo ganha outras nuances que merecem um estudo particular.

4. UMBERTO ECO, UM PRAGMATISTA IMPLÍCITO

Para Richard Rorty (1931-2007), é possível identificar em Umberto Eco a trajetória de um pragmatista implícito. Os estudos de Eco sobre a semiótica de Peirce e a aplicação dos resultados de seus empenhos acadêmicos em suas obras tanto filosóficas quanto literárias mostrariam, segundo Rorty (2005), um itinerário intelectual pragmatista. Tal como Giovanni Papini, também Umberto Eco se dedicou

à literatura através de seus romances. Ambos são pragmatistas com intensa atividade literária.

O primeiro livro acadêmico de Eco que encontrou grande repercussão, publicado no Brasil em 1968, *Obra Aberta*, apresentou uma aproximação entre as ideias de Croce e Dewey. A preocupação fundamental de Eco foi a questão da arte e da estética. Para Eco, é possível relacionar a obra *Breviário de Estética*, de Croce (1945), com o livro *A Arte Como Experiência*, de Dewey (1980). Dedicou-se ao tema da expressão artística e entendeu, conforme Croce, que a “forma artística é o resultado da intuição lírica do sentimento” (ECO, 2010, p. 69) e, assim, a forma individual alcançada pela meditação estética abrange uma dimensão universal. Dessa maneira, sua compreensão estética estaria próxima do nominalismo. Para Papini (2011), o nominalismo também seria uma doutrina filosófica importante para o pragmatismo.

Na investigação de Eco:

E não é Croce o único a registrar uma condição de fruição sem procurar os caminhos que explicam o mecanismo. Dewey fala, por exemplo, do ‘sentido do todo inclusivo implícito’, que invade qualquer experiência ordinária e nota como os simbolistas fizeram da arte o instrumento principal para expressar essa condição de nossa relação com as coisas. (ECO, 2010, p. 69)

Nos estudos sobre filosofia da arte e estética, o autor realizou uma aproximação entre o neoidealismo italiano e o pragmatismo norte-americano, através da aproximação das ideias de Croce e Dewey.

Explica a emoção religiosa que nos acomete no ato da contemplação estética. Dewey o percebe com muita clareza, pelo menos com a mesma que Croce, embora em outro contexto filosófico; e é esse justamente um dos traços mais interessantes daquela sua estética que, por seus fundamentos naturalistas, poderia parecer a um exame superficial, rigidamente positivista. Mesmo porque naturalismo e positivismo em Dewey são de origem oitocentista e romântica, e toda análise, conquanto inspirada na ciência, não deixa de culminar num momento de comoção perante o mistério do cosmo (não é à toa, aliás, que seu organicismo, embora filtrado através de Darwin, provém também de Coleridge e Hegel, importando até que ponto seja consciente); à soleira do mistério cósmico, Dewey quase parece ter receio de dar mais um passo à frente, que lhe permita desossar essa típica experiência do indefinido, reportando-a às suas coordenadas psicológicas (ECO, 2010, p. 70).

A utilização das ideias de Dewey por Eco, no final da década de 1960, revela que seu interesse pelo pragmatismo estava presente desde o início de sua pujante atividade intelectual. Posteriormente, seus estudos do pragmatismo estenderam-se para Peirce e para o diálogo com Rorty. As reflexões iniciais de Eco sobre estética e filosofia da arte fundamentam-se em Dewey em relação aos critérios de percepção e reflexão, unidas na experiência estética. A arte seria uma forma de experiência intuitiva e psicológica. Para Eco, encontra-se em Dewey uma explicação psicológica da experiência estética. Devemos considerar que essa experiência está sempre em processo e que há uma transação (uma espécie de troca) entre o indivíduo e o estímulo estético. A questão estética em Dewey levaria ao problema da arte e da linguagem e, segundo Eco, remeteria às peculiaridades da linguagem estética. O

problema também consiste na linguagem como forma de comunicação da experiência estética.

Dessas e outras afirmações deweyanas adveio uma metodologia psicológica chamada transacionista, para a qual o processo de conhecimento é, justamente, um processo de transação, uma fatigante contratação: diante do estímulo original o sujeito intervém carreando para a percepção atual a memória de suas percepções passadas, e só assim participa da formação da experiência em processo; experiência que não se limita, portanto, a registrar uma *Gestalt* preexistente à guisa de configuração autônoma do real (tampouco é, idealisticamente falando, um nosso livre ato de posição do objeto) mas apresenta-se como resultado situacional de nossa inserção processual no mundo, ou melhor, o mundo como resultado dessa inserção ativa (ECO, 2010, p.72).

O interesse de Umberto Eco pela semiótica de Peirce é um traço marcante do seu pensamento. As ideias de Peirce serviram para fundamentar as reflexões de Eco sobre a linguagem, o papel do leitor e a semiótica. “Em meus escritos recentes (A Theory of Semiotics, The Role of the Reader e Semiotics and the Philosophy of Language - Uma Teoria da Semiótica, O Papel do Leitor e Semiótica e a Filosofia da Linguagem), elaborei a ideia peirceana da semiótica ilimitada” (ECO, 2005, p. 27). A noção de semiótica ilimitada elaborada por Peirce foi importante para Eco. As obras indicadas revelam a importância da semiótica peirceana para os estudos do pensador italiano. “Em minha dissertação no Congresso Internacional Peirce, na Universidade de Harvard (setembro de 1989), procurei mostrar que a noção de semiótica ilimitada não leva à conclusão de que a interpretação não tem critérios” (ibidem, p.28). Eco, ao participar do evento destinado a estudar o pensamento de Peirce, mostrou-se estudioso do filósofo norte-americano, ao mesmo tempo em que revelou a importância de suas ideias para a teoria da interpretação por ele elaborada. A teoria da interpretação de Umberto Eco baseia-se na noção de semiótica ilimitada de Peirce. Isso o próprio Eco revelou em seus escritos.

Isso é o que eu tinha a dizer quanto à Trajetória do Pragmatista – uma narrativa que uso muitas vezes com o propósito de dramatizar a mim mesmo, e fiquei encantado ao descobrir que podia encaixar nela o professor Eco. Fazer isso me possibilitou enxergar em nós dois como tendo superado nossas ambições mais antigas de sermos decifrados de códigos. Essa ambição levou-me a desperdiçar o vigésimo sétimo e o vigésimo oitavo anos de minha vida tentando descobrir o segredo da doutrina esotérica de Charles Sanders Peirce, relativa à “realidade do Terceiro Termo”, e assim de seu “sistema” semiótico-metafísico fantasticamente elaborado. Imaginei que um anseio semelhante deve ter levado o jovem Eco ao estudo daquele filósofo enfurecedor, e que uma reação semelhante deve ter-lhe possibilitado ver Peirce exatamente como mais triadomaníaco desequilibrado. Em síntese, ao usar essa narrativa como um gabarito, consegui pensar em Eco como um colega pragmatista (RORTY, 2005, p. 110).

Rorty comparou sua própria trajetória com a de Eco. O denominador comum dessa semelhança foi o estudo do pensamento de Charles Peirce. Tanto Eco quanto Rorty dedicaram-se à obra densa e complexa de Peirce. Em sua reflexão, Rorty demonstrou que foi um leitor cuidadoso das obras de Eco, especialmente de seu romance “*O Pêndulo de Foucault*”. Mesmo em suas obras literárias, Eco não abre

mão do recurso à filosofia, especialmente da semiótica, fazendo de sua escrita uma narrativa profundamente intelectual. Por fim, Eco foi chamado de “colega pragmatista” por Richard Rorty. Este fato não deixa dúvida de que seja possível encontrar no pensamento de Umberto Eco evidências de um pragmatismo italiano.

CONCLUSÃO

O pragmatismo na Itália encontrou grande recepção desde o início do século XX. Merece destaque o protagonismo de Giovanni Papini através da revista *// Leonardo*, que iniciou a divulgação das ideias pragmatistas entre os intelectuais italianos. James reconheceu a importância de Papini para o movimento pragmatista na Itália. Outros intelectuais como Giovanni Vailati, Mario Calderoni e Giuseppe Prezzolini também desenvolveram trabalhos importantes para a caracterização do pragmatismo italiano. Papini demonstrou que o pragmatismo não ficou restrito ao ambiente acadêmico, chegando aos debates públicos em jornais, revistas e cafés. Na Itália, o pragmatismo mostrou-se uma filosofia profícua que atravessou momentos de efervescência e chegou ao século XXI presente nos estudos de Umberto Eco, por exemplo. Mesmo entre os críticos do pragmatismo, nos quais podemos inserir os filósofos do neoidealismo italiano como Guido De Ruggiero e os marxistas, representados por Gramsci, identificamos a leitura de autores ligados às ideias pragmatistas.

Entre os filósofos norte-americanos interpretados pelos intelectuais italianos há uma variação que oscila entre James e Peirce, sobretudo no momento inicial do pragmatismo na Itália, e Dewey e Rorty, já presentes nos estudos de Umberto Eco. Peirce foi uma unanimidade entre intelectuais italianos que estudaram o pragmatismo. De Papini a Eco, praticamente todos os estudiosos do pragmatismo no país europeu se dedicaram ao pensamento de Peirce. Outros estudos poderiam acrescentar mais intelectuais que estiveram ligados ao pragmatismo no contexto acadêmico italiano.

O pragmatismo na Itália não ficou restrito aos personagens abordados nessa pesquisa. No entanto, é inegável o papel protagonista desempenhado por esses intelectuais na divulgação das ideias pragmatistas. Umberto Eco foi chamado de “colega pragmatista” por Richard Rorty, evidenciando o reconhecimento do intelectual como um nome importante para o pragmatismo. O movimento pragmatista foi muito diversificado no contexto italiano, abrangendo desde os filósofos católicos como Papini até representantes do pensamento laico como Eco. O pragmatista é um homem prático e utópico, assim definiu Papini. Podemos aplicar essas características aos intelectuais italianos ligados ao pragmatismo: foram *intelectuais práticos e utópicos*.

REFERÊNCIAS

- CROCE, Benedetto. *Breviario de esthetica*. Buenos Aires: Espasa, 1945.
- DE RUGGIERO, Guido. *Filosofias del siglo XX*. Buenos Aires: Abril, 1947.
- _____. *Sumário de história da filosofia*. Rio de Janeiro: Athena, 1937.
- DEWEY, John. *A arte como experiência*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- _____. *Cadernos do cárcere*. Vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- JAMES, William. *Pragmatismo e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Lido, 1967.
- PAPINI, Giovanni. *Pragmatismo*. Buenos Aires: Cactus, 2011.
- RORTY, Richard. A trajetória do pragmatista. In: ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 105-127.